

# AQUI NO AMOR

FABRICIA JORDÃO

Doutora e Mestre em Artes pela ECA/USP. Em 2019 recebeu o prêmio de melhor tese da CAPES (Artes). Professora nos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais da UFPR e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EMBAP-UNESP. Suas pesquisas e reflexões enfocam a relação entre arte e capitalismo na arte contemporânea. Desde 2020 coordena o Laboratório de Imaginário Radical (projeto de extensão vinculado ao DeArtes/UFPR) e integra a Red de Estudios Visuales Latinoamericanos.

O diálogo se inicia com uma troca de votos de final de ano.

É dezembro de 2024.

É Recife.

É a distância

Não sabemos quem é ela, a outra, a que responde.

Mas ouvimos sua voz na que responde

Na resposta a distância desaparece

Estamos no agora, no aqui, no amor.

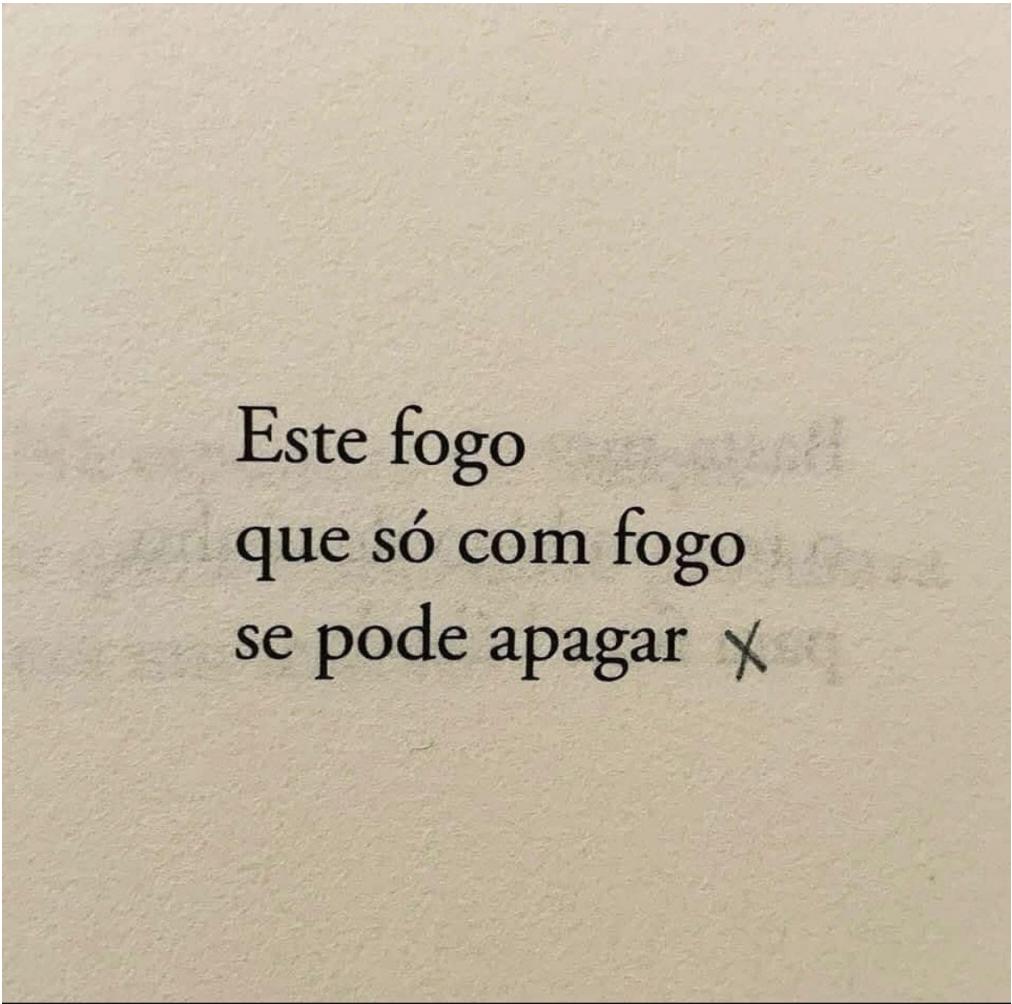
carta,  
fogo,  
amor,  
aqui.

de:

para:

data: 23 de dez. de 2024, 09:51

assunto: Votos 2025



Este fogo  
que só com fogo  
se pode apagar ✕



F

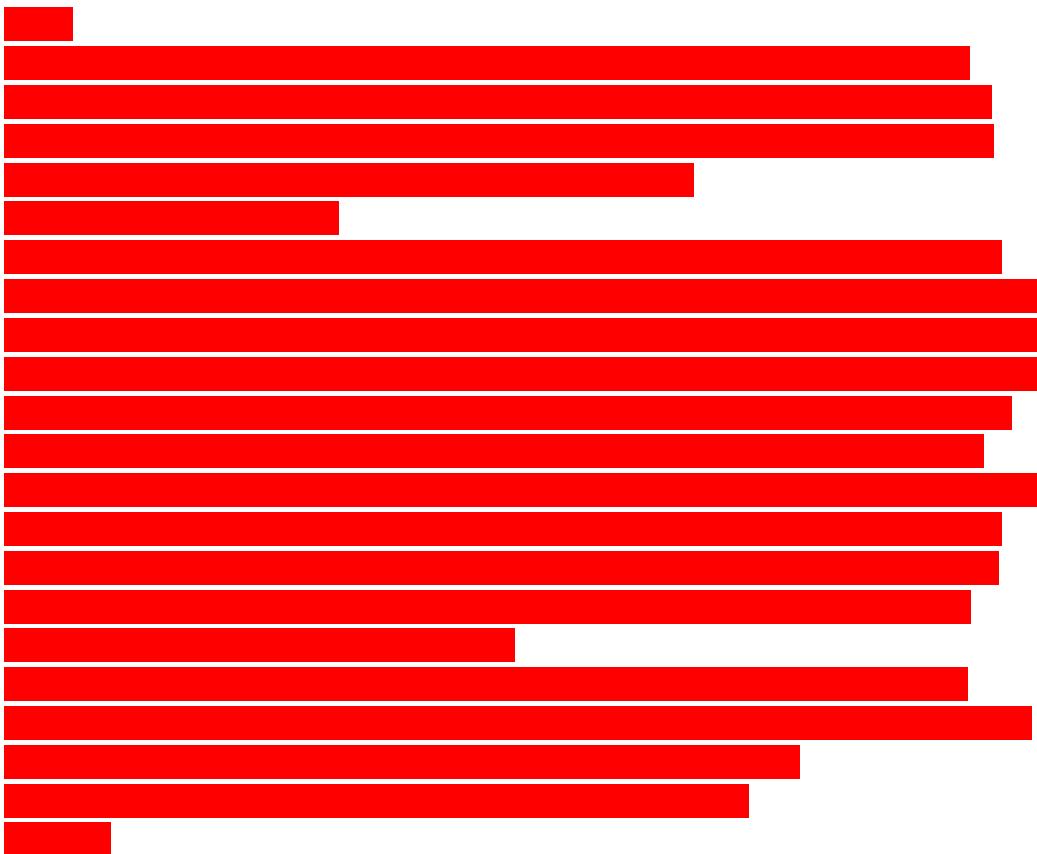
de: [REDACTED]

para: [REDACTED]

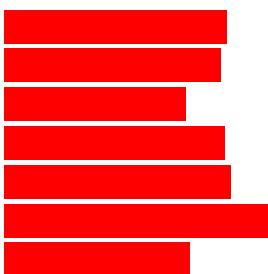
data: 23 de dez. de 2024, 22:29

assunto: Re: Votos 2025





M.



de: **Fabricia Jordao** <fcljordao@gmail.com>  
para: [REDACTED]  
data: 24 de dez. de 2024, 09:27  
assunto: aqui no amor

**É Recife  
É véspera de natal  
São as primeiras horas da manhã**

**Leio as duas cartas**

**A primeira, um parágrafo apenas.**

**Carta parecida com os dias de dezembro daqui. Dias curtos, que já  
nascem cheios de sol, com ventos luminosos vindos do leste.**

**Carta escrita por Eros: em cada palavra a incorporação do desejo, em  
cada frase o mapeamento de zonas erógenas.**

**Os meus olhos ardem, estalam, queimam, são consumidos pela  
ocupação vermelha da escrita.**

A segunda, a carta mais longa, foi escrita em um dia frio, ao lado do fogo.

Foi nessa carta que ela contou sobre taquicardia, sobre como o volume de sangue aumenta, sobre como sua carne lateja e o seu corpo treme quando seus olhos se deparam com um outro nome da paixão.

Ela diz (...) mas quando leio teu nome meu coração dispara e não consigo ignorar.

E foi só quando ela escreveu  
Então li tuas palavras tentando decifrar cada uma. Tentando ler nas entrelinhas alguma que me aquecesse o coração, que entendi.

Ela leu a minha carta como quem busca o fogo. Para ela, escrever ao lado do fogo é uma outra forma de incorporar o amor.

Antecedendo o não consigo ignorar, a hesitação do quase não abri.  
Imagino: um problema de difusão.  
Com o frio a fustigar a chama, a circulação do oxigênio devia tá lenta e vacilante.

No rebote, o desespero da razão.

Então ela escreveu que estava certa em sua verdade primeira.  
Ela diz impossível sermos amigas.  
Como a razão que nunca duvida de si, ela decidiu: não me escreva mais.

Então, o amor  
-o de verdade -  
aquele que por se saber impossível carrega sempre uma margem  
improvável de possibilidade armou sua arapuca:  
se tornou palavra. Ela sussurrou com você eu quero tudo ou nada.

Na frase ambivalente  
hesitação?  
covardia?  
auto traição?  
amor de verdade?

**Do desejo que não se decide, ela lança  
-certeira -  
o feitiço.**

**Ela diz: A não ser que algum dia queiras tudo.**

**Ela canta o canto**

**[que se tivesse sido cantado no  
canto 12 da Ilíada  
o astuto Odisseu teria sucumbido]**

**uma fogueira calma  
uma calma ardente  
um ardor infinito  
um infinito amoroso  
um amor verdadeiro  
uma verdade desejante  
um desejo pleno**

**E então, enfeitiçada, faço teu exercício amoroso:  
faço comigo mesmo o trabalho de fazer meu coração acalmar e de te  
ouvir falar num sussurro silencioso que me ama.**

**Gozo**

**praticando o amor como meditação.**

**Depois do gozo, a síndrome a  
mesma que acometeu Ícaro:**

**não fosse as asas  
liberdade**

**serviriam apenas  
às tragédias**

**me interrogo sobre aquele amor**

**acaso ou destino ?**

**Notas:**

**As partes em itálico e a fotografia foram retiradas da carta de M e são de sua autoria**

**A imagem poema é de Jorge Sousa Braga em O poeta Nu (poesia reunida), Edição Assírio & Alvim e foi printada de opoemaensinaacair.**

**A “Síndrome de Ícaro” é um poema de Bruno Leal (A sorte do sopro, Editora Urutau)**